

## Capítulo I

Era uma tarde de domingo de Outubro e, tal como muitas outras jovens senhoras da sua classe, Katharine Hilbery estava a servir o chá. O que ocupava talvez uma quinta parte do seu espírito, enquanto as partes restantes tinham saltado já por cima da barreira da pequena fracção de dia que se interpunha entre a segunda-feira de manhã e o bastante insípido momento presente, e brincavam com as coisas que uma pessoa faz voluntária e normalmente à luz do dia. Mas, embora silenciosa, era manifestamente senhora de uma situação familiar e inclinava-se a deixá-la desenrolar-se, talvez pela centésima vez, sem fazer entrar em jogo qualquer outra das suas faculdades desocupadas. Um simples relance bastava para adivinhar que Mrs Hilbery era tão ricamente dotada das qualidades que fazem o sucesso de um chá de gente respeitável pela distinção e pela idade, que a ajuda prestada pela sua filha pouca falta lhe fazia, contanto que lhe fosse poupada a tarefa extenuante de servir as chávenas e o pão com manteiga.

Tendo presente que o pequeno grupo se sentara à volta da mesa havia menos de vinte minutos, a animação observável nos seus rostos, e o montante dos sons que colectivamente produziam, falavam claramente em abono da anfitriã. Passou de repente pela cabeça de Katharine que, se alguém abrisse a porta naquele momento, pensaria que todos se estavam a divertir, pensaria: “Como se está maravilhosamente bem nesta casa!”, e riu-se instintivamente, e disse qualquer coisa para aumentar o ruído, devemos presumir que para maior crédito da casa, uma vez que ela própria, pelo seu lado, não se sentia eufórica. Nesse preciso momento, por uma coincidência divertida, a porta abriu-se de par em par, e um jovem entrou na sala. Katharine, ao apertar-lhe a mão, perguntou-lhe mentalmente: — Pensa, então, que nos estamos a divertir imenso aqui?

— Mr Denham, mãe — disse ela em voz alta, porque se dera conta de que a mãe se esquecera do nome dele.

Mr Denham também se apercebera do facto, o que aumentou o inevitável embaraço que acompanha a entrada de um estranho numa sala cheia de gente que se sente perfeitamente à vontade, deixando-se arrastar pela conversa. Ao mesmo tempo, parecia a Mr Denham que mil portas delicadamente almofadadas se tinham fechado entre ele e a rua, lá fora. Uma ligeira névoa, a essência sublimada da cerração exterior, pairava visivelmente no espaço amplo e bastante vazio do salão, tornando-se cor de prata no lugar onde os castiçais se agrupavam em cima da mesa do chá, e avermelhada à luz da boca do fogão. Com o movimento agitado dos autocarros e dos táxis ainda na cabeça, e o corpo ainda fremente da marcha rápida com que percorrera as ruas por entre o movimento dos carros e dos transeuntes apeados, o salão parecia-lhe tranquilo e muito longe de tudo; e os rostos envelhecidos suavizavam-se, um pouco afastados uns dos outros, e iluminavam-se de um brilho que a atmosfera do salão, adensada pelo grão azul da névoa, neles acendia. Mr Denham entrara na altura em que Mr Fortescue, o eminente romancista, estava a chegar ao meio de uma frase muito comprida. Deixou-a em suspenso enquanto o recém-chegado se sentava, e Mrs Hilbery reuniu habilmente as duas pontas do fio cortado, voltando-se para o segundo e perguntando-lhe:

— Ora bem, que faria você se fosse casado com um engenheiro e tivesse de viver em Manchester, Mr Denham?

— Ela podia, com certeza, aprender persa — interveio um velho cavalheiro franzino. — Não haverá, em Manchester, um professor reformado, ou um homem de letras, com quem ela possa aprender a ler persa?

— Uma das nossas primas casou-se e está agora a morar em Manchester — explicou Katharine. Mr Denham balbuciou qualquer coisa, que era tudo o que se lhe exigia, depois do que o romancista terminou a sua frase interrompida. Pelo seu lado, Mr Denham amaldiçoou-se acerbamente por ter trocado a liberdade da rua por aquele salão requintado, onde, entre outras coisas desagradáveis, não poderia decerto mostrar-se à luz mais favorável. Olhou à sua volta, e viu que, com a excepção de Katharine, todos os presentes tinham mais de quarenta anos, sendo a única consolação o facto de Mr Fortescue ser consideravelmente célebre, pelo que, no dia seguinte, ele se sentiria satisfeito por o ter conhecido.

— Já estive em Manchester? — perguntou ele a Katharine.

— Nunca — respondeu ela.

— Então, o que tem contra a cidade?

Katharine mexeu o chá, e pareceu interrogar-se, pensou Denham, sobre a obrigação de encher a chávena de alguém, mas a verdade era que estava a perguntar-se sobre como iria fazer para assegurar a harmonia entre aquele estranho jovem e os restantes presentes. Notou que ele apertava nas mãos a chávena a ponto de se arriscar a desfazer a fina porcelana entre elas. Era visível que estava nervoso; fazia parte da ordem das coisas que um jovem anguloso com o rosto levemente enrubescido pelo vento, e com o cabelo levemente despenteado, se sentisse nervoso numa reunião como aquela. De resto, era provável que aquele tipo de situação lhe desagradasse, e que só tivesse comparecido por curiosidade, ou porque o pai dela o convidara — o certo era que, fosse como fosse, não era fácil fazê-lo combinar com os outros.

— Julgo que em Manchester não há ninguém com quem se possa falar — replicou ela à toa. Mr Fortescue estivera a observá-la por momentos, como os romancistas tendem a observar, e sorriu ao ouvir a sua observação, tomando-a como tema para uma breve reflexão suplementar.

— Apesar de uma ligeira tendência para exagerar, a Katharine acertou em cheio no alvo — disse ele, e recostando-se na cadeira, com os seus olhos opacos e contemplativos postos no tecto, e juntando as pontas dos dedos, descreveu, primeiro, os horrores das ruas de Manchester, e depois as grandes extensões pantanosas dos arredores da cidade, e a pequena casa confrangedora onde a jovem agora residiria, e os professores e os miseráveis jovens estudantes consagrados às obras mais árduas dos mais jovens autores dramáticos, que a visitariam, e o modo como ela pouco a pouco haveria de parecer outra, e como acabaria por fugir para Londres, e como Katharine teria então de acompanhar essa pobre e querida criatura como se passeasse um cão esfaimado, retendo-o pela trela diante do alarido dos talhos.

— Oh, Mr Fortescue — exclamou Mrs Hilbery, quando ele acabou —, e eu que acabei de lhe escrever a dizer-lhe como a invejava! Pus-me a pensar em grandes jardins e em velhas senhoras adoráveis, com as suas mitenes, que só lêem o *Spectator* e apagam as velas com os dedos. Terá desaparecido *tudo*? Disse-lhe que lá poderia encontrar todas as coisas agradáveis que há em Londres sem estas ruas horrorosas e tão deprimentes.

— Há a Universidade — disse o cavalheiro franzino, que anteriormente insistira na existência de conhecedores da língua persa.

— Sei dos pântanos que há por lá, porque outro dia li um livro que falava deles — disse Katharine.

— Sinto-me magoado e estupefacto com a ignorância da minha família — observou Mr Hilbery. Era um homem de idade, com um par de olhos ovais e cor de avelã, ainda muito brilhantes apesar dos anos passados, que tornavam o seu rosto menos pesado. Não parava de brincar com uma pequena pedra verde que tinha na corrente do relógio, e exibia assim os dedos muito compridos e sensíveis, e tinha o hábito de virar muito depressa a cabeça para um lado e para o outro sem alterar a posição do corpo grande e cheio, dando a impressão de estar constantemente à procura de qualquer coisa que alimentasse o seu divertimento e a sua reflexão com o mínimo dispêndio de energia. Poderia supor-se que deixara para trás a época da vida durante a qual se têm ambições pessoais, ou que as satisfizera tanto quanto era razoável que o fizesse, e empregasse agora a sua notável perspicácia a observar e a reflectir, mais do que a procurar conseguir este ou aquele resultado.

Katharine, decidiu Denham, enquanto Mr Fortescue compunha uma nova frase harmoniosamente construída, parecia-se com o pai e com a mãe, combinando de modo estranho traços de ambos. Tinha os movimentos rápidos e impulsivos da mãe, abrindo com frequência os lábios para falar e tornando a fechá-los a seguir; e olhos escuros e ovais como os do seu pai, que se acendiam e brilhavam sobre um fundo de tristeza, ou, uma vez que ela era ainda demasiado jovem para alimentar uma visão triste das coisas, talvez fosse mais acertado dizer que esse fundo não era tanto de tristeza, como revelava um espírito dado à contemplação e ao domínio de si. O seu cabelo, as suas cores e o desenho das suas feições faziam-na atraente, embora não propriamente bela. Tinha um ar de decisão e compostura, uma combinação de qualidades que sugeria um carácter muito marcado, que não tinha o propósito de fazer sentir-se à vontade um jovem que mal a conhecia. Quanto ao resto, era alta; trazia um vestido de cor discreta, enfeitado com um pedaço de renda de um amarelo delicado na qual uma jóia antiga punha cintilações de vermelho. Denham notou que, embora silenciosa, ela se mantinha senhora da situação respondendo prontamente quando a mãe solicitava a sua assistência, ao mesmo tempo que aos olhos dele era evidente que o fazia sem prestar ao assunto mais do que uma atenção superficial. Impressionou-o descobrir que o papel dela à mesa do chá, entre todas aquelas pessoas mais velhas, não era desprovido de dificuldades, o que diminuiu a sua tendência a achar que ela, ou a sua atitude, exprimia, no

conjunto, antipatia por ele. A conversa afastara-se de Manchester, depois de contemplar generosamente esse tema.

— Terá sido a Batalha de Trafalgar ou a Grande Armada de Espanha, Katharine? — perguntava-lhe a sua mãe.

— Trafalgar, mãe.

— Trafalgar, é claro! Que estúpida eu sou! Mais uma chávena de chá, com uma rodela muito fina de limão, e depois, meu caro Mr Fortescue, explique-me por favor o meu pequeno problema absurdo: porque é que, até mesmo quando só o vemos no autocarro, não podemos deixar de confiar num cavalheiro que tenha um nariz aquilino?

Mr Hilbery interveio aqui dirigindo-se a Denham, e falou com bastante propósito da profissão de advogado e das coisas que vira mudar ao longo da sua vida. A verdade é que Denham era um interlocutor bem escolhido, uma vez que fora um artigo que ele escrevera sobre certas questões jurídicas, e que Mr Hilbery publicara na sua revista, que fizera com que os dois se conhecessem. Mas quando, um momento mais tarde, foi anunciada Mrs Sutton Bailey, Mr Hilbery desviara para ela a sua atenção, e Mr Denham vira-se silencioso no seu lugar, evitando os assuntos de que poderia falar, sentado ao lado de Katharine, que se mantinha igualmente em silêncio. Dada a proximidade das suas idades, os dois com menos de trinta anos, estava-lhes vedado o uso de uma das numerosas frases convenientes que se prestam a encetar a navegação de uma conversa por águas tranquilas. Silenciava-os também a decisão um tanto maliciosa de Katharine de não acorrer em auxílio daquele jovem, em cuja atitude aprumada e resoluta detectava uma ponta de hostilidade ao seu meio, servindo-se dos recursos habituais da delicadeza feminina. Ficaram os dois, portanto, calados, e Denham teve de conter a sua vontade de dizer fosse o que fosse de brusco e explosivo, que a chocasse e a fizesse dar sinais de vida. Mas Mrs Hilbery, cuja sensibilidade surpreendia imediatamente qualquer silêncio que se instalasse no salão, como uma nota muda numa escala de música, debruçou-se um pouco sobre a mesa e observou, nesse tom curiosamente hesitante e desprendido que fazia com que as suas palavras parecessem sempre borboletas esvoaçando de raio de Sol em raio de Sol: — Sabe uma coisa, Mr Denham? Lembra-me muito o nosso querido Mr Ruskin... Será por causa da gravata, Katharine, ou do cabelo, ou da maneira como se senta na cadeira? Posso perguntar-lhe se é admirador de Ruskin, Mr Denham? Outro dia, houve alguém que me disse: “Oh, não, nós não lemos Ruskin, Mrs Hilbery!” “O que é que *lêem*, então?”, perguntei-lhe eu. Porque uma pessoa não pode passar o tempo todo a meter-se em aviões e a mergulhar nas entranhas da terra.